



Palavras finais do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – 2ª parte

Palácio do Planalto, 03 de outubro de 2007

Sérgio, antes de terminar a reunião, quero dizer para os conselheiros uma coisa: a idéia da construção do PAC de infra-estrutura deu ao governo, nesses últimos oito meses, uma competência de construção gerencial que, certamente, a gente não teria aprimorado se nós não tivéssemos feito a experiência do PAC. Depois do PAC da infra-estrutura, nós começamos a cobrar dos vários ministros que, junto com os seus pares, construíssem os programas para o Estado brasileiro até 2010.

Eu confesso a vocês que algumas apresentações foram, para mim, uma obra-prima de perfeição, de teorização e de esquematização de coisas para o Estado brasileiro. Eu poderia pegar o exemplo de um ministério menor, o MDA, que construiu a idéia do Territórios da Cidadania, que é uma obra prima – se nós conseguirmos executar – e possibilitou o que está acontecendo no lançamento do Plano de Ação 2007/2010.

Havia uma coisinha aqui no Brasil ou, quem sabe, na cabeça das pessoas – quem sabe o Brasil nem tivesse tido culpa, porque nem soubesse que estava sendo feito – de cada ministro fazer o seu programa em função do pensamento da sua equipe. No fundo, no fundo, era uma coisa do ego intelectual: “Eu vou produzir o conhecimento que acumulei ao longo da minha vida, sem me importar com o que os outros vão estar pensando”. Então, isso aqui não é o programa de Ciência e Tecnologia para o Brasil, não é o programa da Educação para o Brasil, é o programa do Fernando Haddad, é o programa do Sérgio Rezende, é o programa de política internacional do Celso Amorim, é o programa agrícola do Reinhold Stephanes. Era assim que funcionava na



história do País.

O que nós estamos aprendendo? Que nós precisamos construir coisas, primeiro, que envolvam o governo, porque se não envolver o governo você não compromete os pares. E se você não compromete os pares, se o ministro do Planejamento não participa de uma reunião de elaboração de um plano e não está de acordo com ele ou, pelo menos, não o submete a uma votação, ou o ministro da Fazenda, a ministra da Casa Civil, ou um outro ministro que tenha ligação direta com um projeto desses, podem ficar certos de que o plano não anda, porque terá alguém sentado em cima. Se depender de um parecer de um companheiro que trabalha no Ministério ligado, contra, a coisa pára e fica um ano, dois anos, três anos, quatro, 10, 20, 30. Então, o PAC permitiu que a gente construísse, a partir dele, um conjunto de políticas para o Estado brasileiro.

Agora, prestem atenção numa coisa. Eu sou amante do futebol. Se eu fosse técnico de futebol, a minha palavra de ordem seria a seguinte: qual é a nossa meta, qual é o nosso objetivo superior? É marcar gol. Então, tem aquela trave lá, só marca gol quem chuta. Quem não chuta... Vocês viram o Brasil no Campeonato Mundial das mulheres, em que a gente tinha uma performance extraordinária até chegar o dia em que precisava ter uma performance boa e não tivemos, porque não chutamos a gol e não marcamos. O Corinthians está a três ou quatro jogos sem marcar um gol, porque não chuta. Não adianta dizer que o adversário é bom. Se chutar, tem chance de bater na mão do adversário, tem chance de bater na trave, tem chance de o goleiro jogar para escanteio. Mas se não chutar, não marca.

Por que eu estou dizendo isso? Porque esse programa é um time de futebol em campo. Se nós, no dia da apresentação desse programa, não tivermos construído um objetivo e um plano de metas para o cumprimento de cada uma das coisas que estão aqui, nós vamos ficar subordinados aos seus especialistas ou a algum especialista aqui que se interesse por um programa.



É preciso, Sérgio, que no dia do lançamento público a gente apresente à sociedade brasileira e à comunidade científica um plano de metas. O que nós queremos que aconteça até 2008? O que nós queremos que aconteça até 2009? Em cada área. E tem que ter esse conselho gestor para, a cada mês, cobrar. No caso do PAC, além de eles se reunirem todos os dias, a cada quatro meses eles têm que prestar contas à imprensa, porque fazem um comunicado à imprensa e prestam contas ao presidente da República.

Neste caso, Sérgio, se a gente não apresentar isso aqui combinado com um plano de metas, que cada membro do Conselho ou cada ministro aqui presente coloque na sua mesa e saiba, por exemplo, que no nosso Plano de Ciência e Tecnologia, até o dia 20 de agosto de 2008, tinham que acontecer tais coisas, se a gente não tiver isso, corre o risco de ter um baita de um programa, como o Corinthians tem uma baita de uma razão de existir, uma grande torcida, mas o time não marca o gol. Então, o que eu estou te propondo é o seguinte: você já escalou o time, a torcida está toda aqui, agora é preciso ter a meta a ser atingida. É preciso apresentar para o Conselho o seguinte: o que vai acontecer a cada semestre, até o dia 31 de dezembro de 2010? A partir daí, não é mais você, vai ser outro. Não sei, depende de quem ganhar, também, as eleições. Mas, de qualquer forma, a apresentação do plano de metas é condição *sine qua non* para que a gente possa cobrar, de nós mesmos, a execução de um programa como esse.

Portanto, eu quero agradecer a todos vocês pelos elogios ao programa, agradecer pelas sugestões ao programa, e dizer para vocês que agora não é apenas responsabilidade do Sérgio, não é apenas responsabilidade do presidente da República, mas é nossa responsabilidade fazer esse Plano acontecer.

Muito obrigado e parabéns.